

artigo

Moda e seu passado pela filosofia¹

Fashion and its past through philosophy

TARCISIO D'ALMEIDA²

resumo

Inclinado a perceber nas obras dos pensadores da Filosofia – e de alguma forma também em escritores da Literatura – o artigo encaminha-nos ao pensamento de uma compreensão em torno de uma teoria da moda a partir de sua própria história constituída com as reflexões suscitadas em textos de filósofos de variadas épocas.

palavras-chave

Moda; Filosofia da Moda; Teoria da Moda; Pensamento e Moda.

abstract

Inclined to perceive in the works of the thinkers of Philosophy - and in some way also in writers of Literature - the paper leads us to the thought of an understanding around a theory of fashion from its own history constituted with the reflections raised in texts of philosophers of different eras.

keywords

Fashion; Fashion Philosophy; Fashion Theory; Thought and Fashion.

¹ Fragmento do primeiro capítulo da tese *As roupas e o tempo: uma filosofia da moda*, defendida junto ao Programa de Pós-graduação em Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), em 2018.

² Professor Adjunto do Curso de Design de Moda da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (EBA-UFG), onde lidera o Grupo de Pesquisa 'Moda: Teorias e Processos Criativos', cadastrado no CNPq. Doutor em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), com a tese *As roupas e o tempo: uma filosofia da moda*, defendida em 2018. Mestre em Ciências da Comunicação, habilitação em Jornalismo, pela Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP, com a dissertação *Das passarelas às páginas: um olhar sobre o jornalismo de moda*, com defesa realizada em 2006. É autor dos livros *Moda em diálogos: entrevistas com pensadores* (Memória Visual, 2012) e *Pensatas da Moda* (no prelo), além de inúmeros artigos para a imprensa. E-mail: tarcisiodalmeida@eba.ufmg.br

O pensar moda nasce na Filosofia e na Literatura. Anterior a nos determos a uma compreensão que atrelará sua compreensão ao presente e visionando o futuro, é preciso reconhecer no passado a relevância no qual a moda, decerto, constitui-se com expressivas (de)marcações, reflexões, com o passado, inclusive, ressignificando-o. Ao assumir o passado em sua essência constitutiva, a moda supõe eludir a tessitura, a trama e a espessura do tempo em suas variadas facetas quando dela se pensa, fala-se e critica, assim como se constitui culturalmente. Como que esquadrinhando o tempo, a moda elege sua demarcação pelo traço característico de pertencimento à noção de cada era vivenciada, uma vez que ultrapassa a primeira noção que a interpretava como vestuário. Mas é no passado que percebemos as primeiras reflexões filosóficas e literárias sobre a moda. A evolução do pensamento, e aqui deslocamos essencialmente para o pensamento filosófico, sobre moda, nos lembra que esta, por transitar entre a verve artística com proposições estéticas mas também a destinação mercadológica de consumo simbólico e econômico, carrega duas potências de valores em sua essência, que tece uma tênue linha divisória entre o dialogar com a arte e o dialogar com o mercado.

Quando confrontamos a liberdade de constituição da existência da moda com a compreensão via História³ da sua história, podemos constituir reflexões acerca daquilo que se contempla como história da moda assim como uma moda histórica. Diante desse desafio, o entendimento da moda perpassa a clássica classificação histórica de linha do tempo, por exemplo, para observar esse fenômeno como atemporal, que às vezes (de)marca um tempo, com suas proposições, às vezes anula o ideário de moda ou simplesmente deixa de existir; embora precisemos reconhecer, conforme pensa Lilian Santiago⁴, “o caráter descontínuo da moda, traduzindo-o para uma discussão em torno ao tempo” e os enviesamentos que deste são suscitados por esse caráter de descontinuidade “e não propriamente sobre a história da moda”, a qual já tem uma literatura expressiva nas obras de Carl Köhler (2001), James Laver (2001), Daniel Roche (2000, 2004, 2007), François Boucher (2010), Didier Grumbach (2009), Christopher Breward (1995) e Daniela Calanca (2008).

Pesquisar, pensar, ver, falar sobre e criar moda, assim como outros assuntos, demanda um mergulho nas suas origens, o que propicia constituir memória, isto é, tecer um passado que serve como elemento para estruturação da sua história. Mais do que apenas resgatar, as compreensões acerca dos fatos históricos e suas

³ Por ter uma constituição de pensamento devotado ao estudo filosófico da moda, esta pesquisa não pretende aprofundar postulados teóricos específicos da área da História, mas sim de uma compreensão da interrelação entre a moda e a História decorrente das heranças, ao longo dos séculos, advindas de pensadores da Filosofia e suas reflexões acerca do fenômeno moda, compondo uma noção de encontro da moda com a História da Filosofia.

⁴ A professora Lilian Santiago escreveu um texto para sua arguição na banca de qualificação da tese de doutorado “As Roupas e o Tempo: uma Filosofia da Moda”, realizada em 24 de outubro de 2016, na FFLCH-USP, texto este inédito e gentilmente cedido pela autora. SANTIAGO, L. *Texto para Arguição na Banca de Qualificação da Tese ‘As Roupas e o Tempo: uma Filosofia da Moda’*, de Tarcisio D’Almeida, no Programa de Pós-graduação em Filosofia da FFLCH-USP, em 24 de outubro de 2016. p. 2. (Inédito).

devidas contextualizações requerem reflexões que permeiam as possibilidades de entendimento do que ocorreu e como tal influenciou as sociedades. Quando lidamos com a moda é preciso lembrar que estamos abordando questões, sobretudo, de ordens estéticas, sociais, culturais e econômicas de como os indivíduos as interpretavam, via indumentárias, seus anseios de moda. Ou, como nos conta Lucia Santaella (2004, p. 122), “o tempo não linear da moda”, nas suas alusões ao passado” nos ajuda a compreender “(...) o eterno retorno da diferença do mesmo”.

Pois bem, se a liberdade do ato de pensar é dotada aos homens, os quais dessa se utilizam para se expressar, comunicar, podemos, de certa forma, constatar que a moda também pode ser constituída como um ideário de um pensamento. Ao estruturar o pensamento filosófico sobre a moda nos defrontamos com as férteis, contundentes e expressivas contribuições advindas de escritores da literatura da envergadura de Jean de La Bruyère, Honoré de Balzac⁵, Jules Amédée Barbey d'Aurevilly⁶, Pierre Jules Théophile Gautier⁷, Charles Baudelaire⁸, Stéphane Mallarmé⁹ e Oscar Wilde¹⁰; além de autores representantes de outras áreas do pensamento humanista, como Herbert Spencer¹¹, Gabriel de Tarde¹², Thorstein Veblen¹³, Alfred Louis Kroeber¹⁴ e Paul Henry Nystrom¹⁵, pensadores representativos das Ciências Sociais e das Ciências Econômicas, para exemplificar alguns – e suas fundantes reflexões acerca do fenômeno moda na sua evolução.

A bem da verdade é com o escritor Jean de La Bruyère que temos a primeira imersão literária sobre a moda. *Les caractères ou les mœurs de ce siècle* (Os perso-

⁵ BALZAC, H. de. “Des mots à la mode”, *La Mode*, 22 de maio de 1830. “De la mode en littérature”, *La Mode*, 29 de maio de 1831. “De ce qui n'est pas à la mode”, *La Mode*, 29 de dezembro de 1831. *Traité de la vie elegante* (livro originalmente encartado em *La Mode*, edições de 2, 9, 16 e 23 de outubro e 6 de novembro de 1831).

⁶ BARBEY D'AUREVILLY, J. A.. *Du dandysme et de George Brummel*. Paris: Lemerre, 1845.

⁷ GAUTIER, P. J. T. *De la mode*. Paris: [s.n.], 1858.

⁸ BAUDELAIRE, C. *O pintor da vida moderna*. Concep. e org. Jérôme Dufilho e Tomaz Tadeu. Trad. e notas Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. [Edição em francês: *Le peintre de la vie moderne*, 1863].

⁹ MALLARMÉ, S. “La dernière mode”. In: *Œuvres complètes*. Paris: [s.n.], 1945. [Compilação de ensaios assinados com os pseudônimos Marguerite de Ponty, Miss Satin, Zizy ou d'Olympe, os quais foram publicados entre setembro e dezembro de 1874].

¹⁰ WILDE, O.; MALLARMÉ, S. *Noblesse de la robe*. Paris: Belles Lettres, 1997 [1919].

¹¹ SPENCER, H. “On manners and fashion”. *Westminster Review*, abr. 1854. SPENCER, H. *The principles of sociology, Vol. II*. New York: D. Appleton and Company, 1883. (Destaques para: “Badges and costumes”, pp. 174-192; “Fashion”, pp. 205-210). Apesar de ser filósofo, Spencer adquiriu maior repercussão de suas ideias e teorias nas Ciências Sociais.

¹² TARDE, G. de. *Le lois de l'imitation*. Paris: Félix Alcan, 1890.

¹³ VEBLEN, T. *A teoria da classe ociosa: um estudo econômico das instituições*, Trad. Olívia Krähenbühl. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Os pensadores). [Edição original em inglês: *The theory of the leisure class*, 1899]. Assim como Herbert Spencer, Veblen também era filósofo, mas este conquistou seu êxito intelectual nas Ciências Econômicas.

¹⁴ KROEBER, A. L. “On the principle of order in civilization as exemplified by changes of fashion”, *American Anthropologist*, v. 21, n. 3, jul.-set. 1919. KROEBER, A. L. RICHARDSON, J. “Three centuries of women's dress fashion: a quantitative analysis”, *Anthropological Records*, v. 2, 1940, pp. 111-153.

¹⁵ NYSTROM, P. H. *Economics of fashion*. New York: Ronald Press, 1928. Importante atentar ao fato de que a publicação de tal obra antecede em um ano a histórica queda da bolsa de valores de Nova York.

nagens ou costumes desse século), publicado em 1688, é seu único livro e se caracteriza como uma crônica do espírito essencial do século XVII. Nele há o ensaio “*De la mode*” (Da moda), que serve de mote para compreendermos, historicamente, o surgimento da noção de luxo, primeiramente devotado ao universo de joias, mas que depois foi tomada pela moda, propagada pela corte do Rei Sol, como ficou conhecido Luís XIV. “Uma loucura que mostra bem nossa fraqueza é a sujeição à moda, quando ela se estende ao gosto, à vida, à saúde e à consciência”, preconizou La Bruyère (1937, p. 100). Sua estilística muito provavelmente influenciou escritores que o sucederam, tais como Marivaux, Honoré de Balzac, Marcel Proust e André Gide.

John Vignaux Smyth (2002, p. 155) confirma esta reflexão ao postular que “o tema da moda e do encobrimento do vestuário é, por várias vezes, uma extensão natural de nossas preocupações literárias e filosóficas anteriores”¹⁶. Dito isso, precisamos compreender, inicialmente, a constituição das presenças das abordagens sobre a moda nos autores em obras constituintes da História da Filosofia. Por “presenças”, entendemos, nesses casos, todas e quaisquer manifestações textuais produzidas por filósofos ao longo dos séculos. Conceitualizada esta questão, de forma abreviada, reconhecemos, se partimos para um segundo movimento, o que nos permitirá esquadriñar na História da Filosofia quais autores produziram textos nos quais a arte do pensar se direcionou para o *corpus* moda, perceberemos que, em sua maioria, esses textos têm uma natureza fundante devotada ao ensaio, ou até mesmo à estrutura de poema ou ainda aforismo.

De maneira que, muito provavelmente, o texto fundante sobre moda na História da Filosofia – e por que não dizer na filosofia em si – tem seu primórdio datado da antiguidade grega, passando pela Idade Média, pelo século XVIII, portanto, contemplando uma realidade histórica alinhada à Filosofia Moderna, iniciada no XVII e que durou até meados do XVIII. Mas é preciso lembrarmos ainda que, no contexto da História da Filosofia do século XVIII, existiu também a Filosofia da Ilustração ou Iluminismo. Para a segunda, estruturada no princípio do ceticismo em dualidade com o ideal filosófico do conhecimento racional, apreendemos seus três fundamentos importantes: o “surgimento do sujeito do conhecimento”, o objeto do conhecimento representado intelectualmente, e a concepção da realidade como racional; já para a terceira, o reforço na crença nos poderes da razão a fundamenta, o que lhe atribui ser denominada como a Filosofia das “Luzes” (princípio norteador do Iluminismo).

Em sua *Suma teológica*, Tomás de Aquino pensou a relação da indumentária dos clérigos em seu ofício religioso e sua simbologia na Europa medieval. Discorrendo na Questão 187, o pensador propõe “se é lícito aos religiosos trajar mais pobremente que os outros homens”. O que de alguma maneira se constitui

¹⁶ “The subject of fashion and dress-concealment is, for several reasons, a natural extension of four earlier literary and philosophical preoccupations”. (SMYTH, J. V. “Fashion theory”. In: *The habit of lying: sacrificial studies in literature, philosophy, and fashion theory*. Durham & London: Duke University Press, 2002, p. 155. Tradução nossa).

como uma valoração não somente de higiene pessoal, mas também do caráter de aparência que o vestuário apraz ao homem e à mulher “pois, segundo o Apóstolo, devemos nos guardar de toda aparência do mal. Ora, a pobreza do traje¹⁷ é uma espécie de mal”. E assim sendo, a pobreza do hábito¹⁸ é às vezes sinal de penitência. Por isso, os que vivem penitentes costumam trazer roupas pobres; e ao inverso, trazem vestimentas mais cuidadas no tempo da festa e da alegria.

Pensador quinhentista, Michel de Montaigne, ao lançar seus *Ensaio*s, publicados em 1580 (Livros I e II) e em 1588 (Livro III), dedica seu pensamento a tratar de questões sobre as dinâmicas do homem do seu tempo, no qual as indumentárias também têm espaço na reflexão do filósofo. No Livro I, Montaigne propõe pensar filosoficamente sobre a temática das indumentárias e suas relevâncias da experiência da condição humana da sociedade da época. “Do hábito de se vestir”, “Das leis suntuárias” e “Dos costumes antigos” são os três textos que integram o conjunto vernacular da filosofia da moda pensada pelo autor. A essa seleção, podemos ainda considerar, de certa forma, o texto “Da vaidade”, parte integrante do Livro III.

Se pensarmos que as ideias filosóficas de Montaigne emergem no contexto em que as reflexões sobre as vestimentas/roupas transitam entre a noção de “proteção” e de “pudor”, esta última atrelada ao pensar medieval que exigirá ao ato de se vestir um traço simbólico, com influência da religião, de não somente cobrir o corpo simplesmente pelo ato de cobrir, seu texto, “Do hábito de se vestir”, propõe pensarmos, de certa forma, este contexto.

É fácil de se compreender que é o costume que nos faz parecer natural o que não o é, pois, entre os povos que não usam roupa, alguns habitam em climas semelhantes ao nosso e outros bem mais rudes. Nós mesmos trazemos sempre descobertas as partes mais sensíveis de nosso corpo: olhos, boca, nariz e orelhas, enquanto nossos camponeses – tal qual nossos antepassados – ainda andam de peito e ventre descobertos. Se tivéssemos nascido com saias e calças, sem dúvida teria a natureza dotado de pele mais espessa as partes de nosso corpo expostas às intempéries das estações, como os dedos e a planta do pé (Montaigne, 2016, pp. 256-257).

Os homens e as mulheres do final da Idade Média e início do Renascimento vivenciaram as dinâmicas e tentativas de inclusão político-social via indumentárias. A burguesia tentava copiar as maneiras de vestir-se da nobreza, que impôs regras, mais precisamente chamadas de “leis suntuárias”. Lucia Santaella (2004, pp. 115-116) lembra-nos que “a moda foi nascendo subrepticiamente quando a Idade Média tardia cedeu espaço para a entrada do Ocidente na era moderna que trouxe consigo a ciência e filosofia modernas e a co-

¹⁷ Resguardado o tempo de produção desse texto, podemos compreender por “traje” o mesmo que “indumentária” ou “vestuário”.

¹⁸ Indumentária característica de homens e mulheres religiosos.

dificação das artes em sistemas autônomos”. Lembrando a passagem da Idade Média ao Renascimento, ao pensar sobre essa temática, Montaigne (2016, p. 295) diz que “a maneira pela qual nossas leis procuram regular as nossas despesas extravagantes e ostensivas com a mesa e o vestuário parece contrária ao fim visado”. O que de certa maneira se apresenta no projeto filosófico sobre a moda proposto por Benjamin (2006, p. 109), ao pensar que isso “permite reconhecer qual o significado da moda como disfarce de determinados desejos da classe dominante”.



Fig. 1: A ilustração “*Le courtisan suivant le dernier édit*” (século XVII), de Abraham Bosse, retrata as dinâmicas de membros da corte francesa de acordo com o Editto de 1633 da Lei Suntuária. (Fonte: Musée du Louvre, Paris, Coleção Rothschild. Fotos: Adrien Didierjean/ Reprodução).



Fig. 2: A ilustração “*La dame réformée*”, de Abraham Bosse, retrata as dinâmicas de membros da corte francesa de acordo com o Editto de 1633 da Lei Suntuária. (Fonte: Musée du Louvre, Paris, Coleção Rothschild. Fotos: Adrien Didierjean/ Reprodução).

As novas maneiras de se pensar as questões humanas a partir do avanço das ciências, das artes e da moral, principais contribuições advindas do Iluminismo, fundaram e constituíram as ideias de filósofos dessa época. São, especialmente resultantes desse período da Filosofia da Ilustração, três dos primeiros filósofos autores com produções de textos versando sobre a moda, François Marie Arouet, mais conhecido como Voltaire, Jean Jacques Rousseau e Immanuel Kant.

Foi sob a pena do pensamento iluminista de Voltaire que ao escrever, em formato de poema, *Le mondain*¹⁹ (O mundano), no ano de 1736, direcionou sua percepção filosófica no esforço de compreensão diante das composições de com-

¹⁹ VOLTAIRE. “Le mondain”. In: *Œuvres complètes de Voltaire*, Éd. Louis Moland. Paris: Garnier, 1877 [1736].

portamentos constituídos a partir das relações dos indivíduos com suas indumentárias no cenário da vida e da civilização urbanas no contexto parisiense. O que decerto podemos identificar como um primeiro momento em que se define, por meio do pensamento poético, o luxo como quintessência de uma sociedade que bate as portas da modernidade. Ou conforme nos lembra Purdy (2004, p. 32), o poema “pode facilmente, contudo, ser apreciado como uma refutação à denúncia tardia da civilização urbana”²⁰. *Le mondain* destaca os prazeres culturais e privilégios da elite da França oitocentista, dos quais Voltaire vivenciou ativamente. “O poema de Voltaire insiste na importância do prazer, falando na primeira pessoa”²¹.

No pensar de Lilian Santiago (2016, p. 11), *Le mondain* se trata dos primeiros avisos de uma modernidade nascente, que residiria no conceito de novidade, um alegato dos tempos modernos e uma defesa dos efeitos do luxo. Apresenta reviravoltas nas posições de Voltaire quanto ao tom da defesa do luxo, sendo sua viagem à Inglaterra importantíssima na mudança de suas concepções, conforme a crítica. A profissão de fé de *Le mondain* é clara: ‘Amo o luxo e até mesmo a volúpia / Todos os prazeres, as artes de toda espécie / A propriedade, o gosto e os ornamentos / [...] Tudo serve ao luxo, aos prazeres desse mundo’.

Mas antes de adentrarmos no conceito de luxo nas côrtes, evocado por Voltaire, é preciso destacar, por exemplo, a importância do conceito de figura como um primeiro momento de argumentação em torno da organização social da aparência na filosofia de Voltaire. Conforme pondera Santiago,

por outras palavras, o que nos interessa aqui com o conceito de figura é o alcance de interpretações que acabam configurando e dando forma a uma imagem, neste caso, à imagem do que se tem da moda, sendo que a figura é o mais importante para a moda, fortalecendo-se na alta costura até o *prêt-à-porter* (Santiago, 2016, p. 6).

Ainda no século XVIII, Voltaire voltou a contribuir com mais dois outros textos sobre moda. Ao publicar *De la frivolité*²², em 1760, observou e escreveu a respeito das nuances e estados de espíritos resultantes da noção de frivolidade. A ele é atribuído o primeiro registro do vocábulo “frivolidade”, que povoará inúmeros outros textos de autores modernos e contemporâneos, como constituidor de um texto filosófico. Relevante seria pensar, propõe Santiago (2016, p. 13), “anterior à noção da frivolidade na moda a ideia da nudez, porque, afinal de contas, qual é o aspecto mais rebaixado, porém, essencial do universo da moda?”

²⁰ “(...) Can nevertheless easily be appreciated as a rebuttal to the latter denunciation of urban civilization”. (PURDY, D. L. (Ed.). *The rise of fashion: a reader*. Minnesota: Minnesota University Press, 2004, p. 32. Tradução nossa).

²¹ “Voltaire’s poem insists on the importance of pleasure by speaking in the first person” (*Ibidem*, p. 32. Tradução nossa).

²² VOLTAIRE. “De la frivolité”. In: *Œuvres complètes de Voltaire*; Éd. Louis Moland. Paris: Garnier, 1877-1885 [1760], pp. 208-210. (Tome 19).

É a nudez que permeia os territórios de exploração das práticas entre o ideário vestimentar e o ideário simbólico que essa vestimenta imprime na individualidade de cada um ao se relacionar com o que se pretende dizer do corpo que veste e do caráter identitário e religioso, em uma primeira realização, de quem veste, propiciando uma tensão entre o velado e vestido com o desvelado e devestido. Pensando sobre as fronteiras entre roupa, moda e corpo e do que podem suscitar no âmbito de uso e destinação, Lucia Santaella nos diz que a encenação do corpo potencializa a moda.

Não obstante tome conta de tudo, da economia à arte e aos afetos, é com os signos do corpo que a moda joga com mais destreza. A moda se aprofunda quando se torna encenação do próprio corpo, quando este se transforma em meio da moda. Vem daí a estreita afinidade entre a roupa e a moda, pois o jogo da roupa se desfaz diante do jogo do corpo, permitindo o desfrute da finalidade sem fim da moda (Santaella, 2004, p. 118).



Fig. 3: A imagem icônica registrada por Helmut Newton na Rue Aubriot, em Paris, no ano de 1975, que foi publicada pela *Vogue Paris*, é do famoso *smoking* da coleção “Pop-Art” (outono-inverno 1966) de Yves Saint Laurent, na qual o corpo vestido e o corpo nu dialogam e questionam os limites e possibilidades identitárias de moda e de gênero. (Fonte: Cortesia Helmut Newton).



Fig. 4: Misturando Oriente e Ocidente, a coleção “Between” (primavera-verão 1998) de Hussein Chalayan propõe o pensamento em torno dos limites de exposição e proibição do corpo e da nudez deste corpo na moda (Fonte: Cortesia Hussein Chalayan).

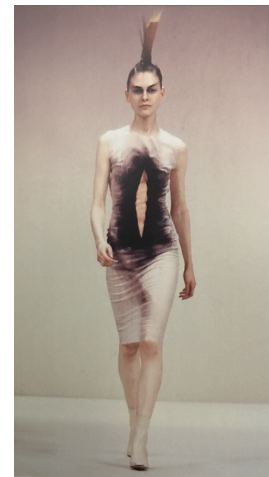


Fig. 5: O vestido vulva da coleção “The Hunger” (primavera-verão 1996) de Alexander McQueen transita entre o que se esconde e o que se veste no diálogo do nu que se expõe como roupa, como moda. (Fonte: Cortesia Chis Moore).

Cinco anos depois, Voltaire voltou a imprimir sua percepção filosófica sobre a moda e costumes da época. Escreveu *Les Anciens et les modernes, ou la toilette de*

*Mme Pompadour*²³, com observações minuciosas do processo de toalete de uma cortesã que frequentou o Palácio de Versailles, na França, e foi amante do rei Luís XV. De fato, a influência da Madame Pompadour com seu salão exerceu impactos nas esferas intelectual, política e artística da Paris do século XVIII, além de proteger intelectuais como Voltaire e Montesquieu.



Fig. 6: Retrato de Madame de Pompadour pintado por Maurice Quentin de la Tour. (Fonte: Musée du Louvre, Paris).

O ato de pensar sobre os temas pertinentes ao luxo e às leis suntuárias ocuparam espaços nas ideias dos pensadores. Assim como Montaigne e Voltaire, Montesquieu trouxe à luz dos seus pensamentos filosóficos os temas das leis suntuárias e do luxo. Seu *De l'esprit des loix* (Do espírito das leis), publicado em 1748, “procura analisar extensa e profundamente a estrutura e a conexão interna dos fatos humanos e formular um rigoroso esquema de interpretação do mundo histórico, social e político”²⁴. Do capítulo I ao XVII do Livro Sétimo, intitulado “Consequências dos Diferentes Princípios dos Três Governos em Relação às Leis Suntuárias, ao Luxo e à Condição das Mulheres”, que integra a Primeira Parte de *Do espírito das leis*, Montesquieu compõe uma tessitura filosófica para pensar co-

²³ VOLTAIRE, “Les anciens et les modernes, ou la toilette de Mme. de Pompadour”. In: *Œuvres complètes de Voltaire*; Éd. Louis Moland. Paris: Garnier, 1877-1885 [1765]. pp. 451-457. (Tome 25).

²⁴ MONTESQUIEU. *Do espírito das leis*. São Paulo: Abril Cultural, 1979. p. XVI. (Coleção Os Pensadores).

mo se constituem e se desempenharam nas sociedades as questões pertinentes às leis suntuárias (nos âmbitos democráticos, aristocráticos, monárquicos); ao luxo (nas realidades do mundo ocidental e também oriental, em especial, da China); e à condição da mulher (quer seja nos diferentes governos, de sua tutela no mundo romano).

Outro nome da Filosofia da Ilustração, contemporâneo de Voltaire, devotado a pensar a moda, foi o filósofo Jean Jacques Rousseau. Seu ensaio *Discours sur les sciences et les arts*, publicado em 1750, é outro exemplo que inaugura o pensar filosófico da moda. Purdy (2004, p. 37) nos diz que “apesar de pensar que as altamente elaboradas roupas e cerimônias da corte francesa em Versailles há muito desaparecera, o *Discours sur les sciences et les arts* de Rousseau continua a censurar as modas que se tornam muito impraticáveis”²⁵. Ora, esse caráter de pompa e de excessos que as indumentárias femininas produziram na época havia pertencido, em períodos anteriores, à indumentária masculina. Sob os prismas dos estilos das artes, o cenário histórico do Barroco e do Rococó contextualizam o momento de produção filosófica de Rousseau, o qual influenciou diretamente de forma intelectual a rainha Maria Antonieta, que adotou as ideias do filósofo ao seu cotidiano, abdicando dos excessos da pompa das indumentárias rococós que tanto amara e adotando e celebrando um estilo rural de morar e se vestir, transferindo-se da Corte de Versailles para um pequeno castelo. Considerada “a Rainha da Moda”²⁶, a sua idealização de composições de indumentárias e acessórios como chapéus, perucas e sapatos criaram delírios contumazes por parte dos súditos da Corte de Versailles no século XVIII. Em tom de crítica, Purdy (2004, p. 37) nos lembra que “a queixa comum de que a alta costura nunca pode ser usada por mulheres de verdade ecoa o argumento de Rousseau contra os estilos do rococó da corte francesa”²⁷.

Olgária Matos (1995, p. 31) nos rememora que “Benjamin distingue o tempo controlado por relógios do tempo pontuado pelo calendário”. Este pensamento pontua o que para a moda norteará a compreensão dos seus atos de criação em relação ao tempo histórico e do tempo vivenciado e suas nuances nas práticas dos criadores da moda. Na sua tese XIV de “*Sobre o Conceito de História*”, Benjamin filosofa:

²⁵ “Even though the highly elaborate costumes and ceremonies of the French court at Versailles have long disappeared, Rousseau's Discourse on the Arts and Sciences continues to censure fashions that become too impractical” (PURDY, D. L. (Ed.). *The rise of fashion: a reader*. Minnesota: Minnesota University Press, 2004, p. 37. Tradução nossa).

²⁶ Dentre as inúmeras biografias sobre Maria Antonieta, gostaríamos de destacar três: ZWEIG, Stefan. *Marie Antoniette: the portrait of an average woman*; Trad. Eden & Cedar Paul. New York: Viking Press, 1933. WEBER, Caroline. *Rainha da moda: como Maria Antonieta se vestiu para a revolução*; Trad. Maria Luíza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. FRASER, Antonia. *Maria Antonieta: biografia*; Trad. Maria Beatriz de Medina. Rio de Janeiro: Record, 2012. Esta última, inclusive, inspirou o filme biográfico homônimo que foi dirigido por Sofia Coppola e lançado em 2006.

²⁷ “The common complaint that haute couture can never be worn by real women echoes Rousseau's argument against the rococo styles of the French court” (PURDY, D. L. (Ed.). *Op. cit.*, p. 37. Tradução nossa).

A História é o objeto de uma construção cujo lugar é o tempo homogêneo e vazio, mas preenchido pelo *Jetztzeit* (agora). Assim, para Robespierre, a antiga Roma era um passado carregado de agora (*Jetztzeit*), que fazia saltar violentamente do contínuo da história. A Revolução Francesa se estendia como uma Roma recomeçada. Ela citava a antiga Roma exatamente como a moda cita uma vestimenta de outrora. É percorrendo o bosque do outrora que a moda fareja a fragrância do atual. Ela é o salto do tigre no passado (Benjamin *apud* Matos, 1995, p. 35).

De forma precursora ao ideal criativo norteador de moda, a costureira Rose Bertin, responsável pelas criações vestidas por Maria Antonieta, preconizou o que mais tardiamente compreenderíamos como sistema da moda, ou seja, com a invenção da ideia da alta costura pelo costureiro Charles Frederick Worth, na Paris da década de 1860, que chamou para si a denominação de “pai da alta costura”. Mais recentemente, já no século XXI, o estilista John Galliano, o qual para Santiago (2016, p. 20), “é o Rei Midas da impraticabilidade da moda em um vocabulário contemporâneo”, caracterizou-se por revisitar o passado em suas pesquisas e processo criativo e fundiu passado e presente ao render homenagem à opulência de Viena, da Imperatriz Sissi e da Rússia, que de alguma forma assemelham-se também com a opulência da Rainha da Moda, na coleção de alta costura outono/inverno 2004/2005 para a Maison Christian Dior. Nessa coleção, Galliano reflete sobre riqueza e pobreza no âmbito da corte de Versailles e como Maria Antonieta era uma personagem aquém da realidade do povo parisiense, que logo depois pôs em prática o ideário da Revolução Francesa do final do século XVIII.



Figs. 7, 8, 9 e 10 (a partir da esq.): Respectivamente, temos as modelos Karolina Kurkova (com o look 1 da coleção), Adina Fahlin (com o look 2), Ana Beatriz Barros (com o look 4) e Michelle Alves (com o look 28) desfilando a coleção outono/inverno 2004/2005 da Maison Christian Dior por John Galliano, que com seu processo de criação histórico realizou uma viagem de pesquisa à Viena, à Imperatriz Sissi e à Rússia, mas de certa forma com um olhar sobre a estética da moda demarcada a partir da Rainha Maria Antonieta e a ressignificou. (Fonte: Marcio Madeira para *Vogue Runway* (<https://www.vogue.com/fashion-shows/fall-2004-couture/christian-dior>)

Este contexto histórico de influências entre um filósofo, Rousseau, e uma rainha, Maria Antonieta, decerto, sinaliza-nos para a compreensão da característica de que as primeiras noções estéticas da moda adviam das civilizações europeias, em especial, a francesa e a inglesa, as quais exportavam suas noções de moda para outras civilizações. De maneira que lembra-nos mais uma característica da Filosofia da Ilustração, a saber, o pleno desenvolvimento da razão a partir do princípio de progresso das civilizações, das mais atrasadas (primitivas ou selvagens) às mais perfeitas dentro do critério civilizatório (Europa central, sobretudo). Portanto, estamos pensando em sociedades ocidentais e o que elas produziram, em termos de repertórios intelectuais, sob a égide de sociedades civilizadas, educadas. Exatamente neste ponto reside outra sinergia entre as ideias dos filósofos da Filosofia da Ilustração e que, de alguma maneira, a moda vai replicar ideologicamente durante sua existência até nossa atualidade, só que em uma lógica invertida. Com a moda, a relação entre as civilizações mais atrasadas e as menos atrasadas se deu de forma distinta. As “noções de moda” partiram inicialmente das civilizações avançadas para, política e ideologicamente, invadir esteticamente outros países menos avançados. O que explicitamente desnuda e contraria a ideia de progresso proposta pela Filosofia da Ilustração, que partiria do crescimento das sociedades menos favorecidas até as mais favorecidas.

Simultaneamente às ideias sobre a emergência dos pensamentos filosóficos acerca da moda de Voltaire e Rousseau, outra maneira de pensar a moda se delineava. É de extrema relevância e pertinência lembrarmos do primeiro traço fundante e fundamental que produziu o pioneiro texto enciclopédico em forma de verbete sobre a moda. Esta, portanto, não escapou a uma espécie de “desejo por verbetes”, preconizado pela publicação dirigida pelo filósofo Denis Diderot e o matemático Jean le Rond D’Alembert, os idealizadores do ambicioso projeto da *Encyclopédie ou Dictionnaire Raisonné des Sciences, des Arts et des Métiers*, publicada em 35 volumes e que foi estruturada sob a égide do pensamento iluminista do século XVIII. Com duas entradas, os verbetes *modes* e *mode*²⁸ postulam possibilidades conceituais de compreensão da moda, pensadas sobretudo em relação ao vestuário. O projeto enciclopédico de Diderot e D’Alembert propôs pensar a moda em sua complexidade como fenômeno que realiza uma justaposição entre ideia, constructo vestimentar justaposto ao corpo e suas consequentes implicações, valores morais, estéticos, funcionais.

Mais tardiamente, precisamente na segunda metade do século XX, outros esforços foram empreendidos com as produções de textos com valiosas leituras e percepções acerca da moda, publicados em enciclopédias, duas delas da área das Ciências Sociais²⁹. Assim como na publicação de uma enciclopédia totalmente

²⁸ DIDEROT, D.; D’ALEMBERT, J. le R. (Dir.). *Encyclopédie ou Dictionnaire Raisonné des Sciences, des Arts et des Métiers*. Paris: [s.n.], 1765. (Tome Dixieme). (Destaques para: “Modes”, pp. 590-598; “Mode”, pp. 598-599).

²⁹ Pensamos, sobretudo, nos verbetes escritos por: SAPIR, E. “Fashion”. *Encyclopaedia of the Social Sciences*, New York, v. VI, 1957, pp. 139-144. Assim como no de: BLUMER, Herbert. “Fashion”. *International Encyclopedia of the Social Sciences*, New York, v. V, 1968, pp. 341-345. BUISSON, D.; LARROUMET et al. “Le costume, la mode”. *Encyclopédie Populaire Illustrée du XIXeme Siècle*. Paris: Société française d’éditions d’art, 1899.

destinada ao universo da moda, a *Encyclopédie Illustrée du Costume et de la Mode*³⁰, de co-autoria de Ludmila Kybalová, Olga Herbenová e Milena Lamarová, é uma obra originariamente publicada na língua tcheca e traduzida para a francesa. Diferentemente das enciclopédias das Ciências Sociais, essa última, devotada a tudo que concerne ao universo da moda, trata mais especificamente em seus verbetes da moda e sua existência em períodos históricos, com análises também dela e suas interrelações com movimentos históricos, políticos e de estilos artísticos-estéticos. Constitui-se, portanto, em uma herança da modalidade do pensamento enciclopedista.

Encerrando o século XVIII, outro expoente crucial desta filosofia para os estudos filosóficos da moda é Immanuel Kant. Membro do pensamento filosófico batizado como “idealismo alemão”, Kant produziu uma trilogia que versa sobre o terreno da crítica. À sua tríade *Crítica da razão pura* (de 1781), *Crítica da razão prática* (de 1788) e *Crítica da faculdade de julgar* (de 1790), acrescenta-se ainda *Fundamentos da metafísica e dos costumes* (de 1785), obras, dentre outras, que ilustram os pensamentos filosóficos de transição secular do XVIII para o XIX; este último, fundando, a partir de sua segunda metade, a Filosofia Contemporânea.

“Immanuel Kant nos forneceu uma descrição da moda que se concentra em mudanças gerais nos estilos de vida humanos”, postula Svendsen (2010, p. 12). Mas se pensarmos que a noção de “estilo”, localizada na identidade individual de cada ser, portanto, de ordem psicológica, difere em sua essência de “moda”, esta responsável pela conjunção coletiva de ideários estéticos para as sociedades, teremos uma pista para perceber que a concepção kantiana da moda foi constituída a partir do princípio da sinergia da moda com o viver. “Todas as modas são, por seu próprio conceito, modos mutáveis de viver”, filosofou Kant³¹.

Após a interrelação da moda com modos do viver, que retoma inclusive a definição epistemológica da moda como “*modus*”, é com Kant que percebemos a primeira demarcação, ou interrelação, da moda à noção de “novo”, que vai percorrer os imaginários e pensamentos de filósofos que o sucederam. Esta leitura kantiana funda, portanto, todo um projeto filosófico da moda centrado na própria essência da moda ser moderna e não mais associada à beleza, como ocorrera com outros filósofos antecessores. Para Kant, “a novidade torna a moda mais sedutora”³².

É uma inclinação natural do homem comparar seu comportamento com o de alguém mais importante (a criança se compara com os adultos, o humilde com o aristocrata) para imitar seus modos. Uma lei de tal imitação, que praticamos para não parecer menos importantes que os outros, especialmente quando não pretendemos obter nenhum

³⁰ KYBALOVÁ, L; HERBENOVÁ, O; LAMAROVÁ, M. *Encyclopédie Illustrée du Costume et de la Mode*, Paris: Gründ, 1970.

³¹ KANT, I. *Anthropology from a pragmatic point of view*. Carbondale & Edwardsville: Southern Illinois University Press, 1978, §71, p. 148, (apud SVENDSEN, L. *Op. cit.* p. 13).

³² KANT apud SVENDSEN, L. *Op. cit.*, p. 27.

lucro com isso, é a chamada moda. Ela é portanto da ordem da vaidade, porque não em sua intenção nenhum valor interno; ao mesmo tempo, é também da ordem da insensatez, porque por força da moda temos ainda uma compulsão a nos submeter servilmente ao mero exemplo que muitos na sociedade projetam sobre nós” (Kant, 1978, p. 148)³³.

Este pensamento kantiano sobre “modus”, “novidade”, “ser”, “aparência” fornecerá as credenciais para o fortalecimento, pelo pensamento filosófico contemporâneo da moda, da “busca constante pela novidade” na interpretação de que a moda interpela o homem como projeto de vida ao pensar os limites temporais que dizem que determinada moda produz a noção de “novo” assim como a adequação pelos indivíduos nas constituições de suas essências tensionadas entre o “ser” na existência da moda e a “aparência” também nessa existência da moda. Ainda na filosofia kantiana encontramos a proposição do debate em torno da questão da autonomia do gosto. Para Kant, o gosto tem característica pautada no princípio de uma entidade autônoma, livre, portanto, que tem na liberdade estética de se escolher isso ou aquilo a construção do gosto estético.

Mesmo sendo um homem, um filósofo, que nasceu no final do século XVIII, mas, sobretudo, o pensamento de Georg W. F. Hegel se fundamenta na emergência intelectual do século XIX, o que o constituiu como um dos últimos titãs do idealismo alemão da filosofia dessa época. Sob a égide da Estética, formulou seu *Curso de estética (Vols. I, II, III, IV)*, publicados no ano de 1820. É no Volume III do seu *Vorlesungen über die ästhetik* que há o ensaio “Bekleidung”³⁴. Mas a reflexão hegeliana da moda mergulha na compreensão da vestimenta a partir de sua idealização, construção, na escultura grega clássica. Ele resgata a simplicidade da indumentária grega para pensá-la na escultura. Ao comparar a constituição das formas, também, com os delineamentos das vestimentas nas esculturas, Hegel pensa em uma formulação teórica que, de certa forma, influenciou historiadores e filósofos posteriores a ele pois explica as três funcionalidades da vestimenta e suas relações com o homem na sua evolução histórica (a proteção, o pudor e o ornamento, com destaque para as duas primeiras).

A roupa em geral, afóra os fins artísticos, encontra o seu motivo por um lado na necessidade de se proteger das influências do tempo, na medida em que a natureza não retirou do homem esta preocupação, tal como nos animais que são cobertos com pelos, penas, cabelos, escamas etc., mas ao contrário a deixou a seu cargo. Por outro lado, é o sentimento do pudor que estimula o homem a se cobrir com vestidos.

³³ KANT *apud* SVENDSEN, L. *Op. cit.*, p. 43.

³⁴ HEGEL, G. W. F. “Vestimenta”. In: *Curso de estética, vol. III*. Trad. Marco Aurélio Werle & Oliver Tolle. São Paulo: Edusp, 2002, pp. 139-147.

Pudor, tomado em sentido inteiramente geral, é o início de uma ira sobre algo que não deve ser (Hegel, 2002, p. 140).

Seu olhar intelectual observou a presença da vestimenta e as relações de nu e vestido que ela suscitou em civilizações da antiguidade, como a grega e a egípcia, mas também em povos asiáticos. No pensar de Hegel (2002, p. 144), “as roupas dos antigos são apenas sustentadas pelo corpo, tanto quanto é necessário para não caírem, e estão determinadas por sua posição, ou então pendem livremente ao redor e fazem ainda este princípio em seu mover-se por meio dos movimentos do corpo”. A visão hegeliana da moda é, hegemonicamente, centrada na ideia de forma que se constitui nas artes (escultura, arquitetura, por exemplo), mas que também ocorre nas formas da moda com as silhuetas das roupas. O que, decerto, é reforçado pelo pensamento de Gilda de Mello e Souza (1996), quando confere o mesmo grau tanto ao artista quanto ao criador de moda. Como nos lembra Lilian Santiago, ao:

se tratar de uma visão da primeira Renascença já exposta na retórica latina de Vitruvius com sua *venustas*, *firmitas* e *utilitas*, a base do pensamento que deu vida ao primeiro arquiteto da moda que foi o estilista Christian Dior, mas que também orientou a visão de moda da Coco Chanel. Do que fala Hegel é, portanto, do nascimento do alfaiate (Santiago, 2016, p. 22).

“A vestimenta moderna, ao contrário, é ou inteiramente sustentada pelo corpo ou apenas funcional [*dienend*], de modo que ela expressa predominantemente a posição e, contudo, apenas desfigura as Formas dos membros;” postula Hegel (2002, p. 144), “ou onde ela, por exemplo, pudesse adquirir no arranjo das pregas uma forma autônoma, permanece ao cuidado apenas do alfaiate que faz esta Forma segundo a causalidade da moda”. Com isso, percebemos que a filosofia hegeliana da moda teceu dura crítica à moda moderna em detrimento da noção clássica de vestuário.

Esses embates presentes nas ideias filosóficas sobre o vestuário e como a partir dele se constituiu a noção da moda, fornece-nos, de alguma maneira, formas de compreensão das relações de relevâncias constitutivas das roupas e suas destinações e revelações percebidas com seus diálogos com as silhuetas das esculturas, em um primeiro momento, mas também em relação aos corpos humanos. Esse ato pensante fornecerá, em seguida, o estatuto que propiciará as credenciais para os costureiros da alta costura, constituindo, assim, os elementos essenciais que postularão suas criações de moda. Alinhada ao pensamento benjaminiano, Vanessa Madrona Moreira Salles (2011, p. 291) é assertiva ao nos lembrar que, “dessa maneira, verificamos que a transmissão das formas do passado para o presente é operada na moda graças a sua capacidade extraordinária de citação. A moda arranca da história formas descontextualizadas, emancipadas de significados originais”.

REFERÊNCIAS

BALZAC, Honoré de. **Tratado da vida elegante**: ensaios sobre a moda e a mesa; Org., apr., trad., notas Rosa Freire D'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

BAUDELAIRE, Charles. **Charles Baudelaire, poesia e prosa**. Org. Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. (Volume único).

BAUDELAIRE, Charles. **O pintor da vida moderna**. Concep. e org. Jérôme Dufilho e Tomaz Tadeu. Trad. e notas Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. (Coleção Mimo; 7). [Edição em francês: *Le peintre de la vie moderne*, 1863].

BENJAMIN, Walter. “Moda”. In: **Passagens**. Trad. Irene Aron (do alemão), Cleonice Paes Barreto Mourão (do francês). Belo Horizonte & São Paulo: Editora da UFMG & Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006, pp. 101-119.

BLUMER, Herbert. “Fashion”. **International Encyclopedia of the Social Sciences**, New York, v. V, 1968, pp. 341-345.

BOUCHER, François. **História do vestuário no Ocidente**; Trad. André Telles. São Paulo: CosacNaify, 2010.

BREWARD, Christopher. **The culture of fashion: a new history of fashionable dress**. Manchester: Manchester University Press, 1995.

BUISSON, D; LARROUMET et al. “Le costume, la mode”. **Encyclopédie Populaire Illustrée du XIXème Siècle**. Paris: Société française d'éditions d'art, 1899.

CALANCA, Daniela. **História social da moda**; trad. Renato Ambrosio. São Paulo: Senac, 2008.

DIDEROT, Denis; D'ALEMBERT, Jean le Rond. (Dir.). **Encyclopédie ou Dictionnaire Raisonné des Sciences, des Arts et des Métiers**. Paris [s.n.], 1765. (Tome Dixieme). (Destques para: “Modes”, pp. 590-598; “Mode”, pp. 598-599).

DIOR, Christian. **Conferências escritas por Christian Dior para a Sorbonne, 1955- 1957**. Trad. Mariana Echalar. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

DUFILHO, Jérôme. “O pintor e o poeta”. In: BAUDELAIRE, Charles. **O pintor da vida moderna**. Concep. e org. Jérôme Dufilho e Tomaz Tadeu, trad. e notas Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, pp. 105-139. (Coleção Mimo; 7).

GAUTIER, P. J. T. **De la mode**. Paris: [s.n.], 1858.

GRUMBACH, Didier. **Histórias da moda**; Trad. Dorothee de Bruchard, Joana Canêdo, Flávia Varella, Flavia do Lago. São Paulo: CosacNaify, 2009.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. “Vestimenta”. In: **Cursos de estética, Volume III**. Trad. Marco Aurélio Werle, Oliver Tolle. São Paulo: Edusp, 2002, pp. 139-147. (Coleção Clássicos 24).

KANT, Immanuel. **Anthropology from a pragmatic point of view**. Carbondale & Edwardsville: Southern Illinois University Press, 1978. p. 133.

KÖHLER, Carl. **História do vestuário**. Trad. Jefferson Luiz Camargo. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

KROEBER, Alfred Louis. “On the principle of order in civilization as exemplified by changes of fashion”, **American Anthropologist**, v. 21, n. 3, jul.-set. 1919.

KROEBER, Alfred Louis; RICHARDSON, Jane. “Three centuries of women’s dress fashion: a quantitative analysis”, **Anthropological Records**, v. 5, n. 2, out. 1940, pp. 111-153.

KYBALOVÁ, Ludmila; HERBENOVÁ, Olga; LAMAROVÁ, Milena. **Encyclopédie Illustrée du Costume et de la Mode**, Trad. Gilberte Rodrigue. Paris: Gründ, 1970.

LA BRUYÈRE, Jean. “Moda”. In: **Os caracteres**. Trad. Luiz Fontana. Rio de Janeiro: Athena Editora, 1937, pp. 100-121. [Edição em francês: **Les caractères**, introd., notas e índice Gaston Caybou. Paris: H. Didier & Ed. Privat, 1936).

LAVER, James. **A roupa e a moda: uma história concisa**. Trad. Glória Maria de Mello Carvalho. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MALLARMÉ, Stéphane. “La dernière mode”. In: **Œuvres complètes**. Paris: [s.n], 1945. [Compilação de ensaios assinados com os pseudônimos Marguerite de Ponty, Miss Satin, Zizy ou d’Olympe, os quais foram publicados entre setembro e dezembro de 1874].

MATOS, Olgária Chain Féres. **Os arcanos do inteiramente outro: a Escola de Frankfurt, a melancolia e a revolução**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

MATOS, Olgária. **Benjaminianas: cultura capitalista e fetichismo contemporâneo**. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

MONTAIGNE, Michel de. **Ensaaios**. Trad., notas Sérgio Millet. São Paulo: Editora 34, 2016. (Destques para: “Do hábito de se vestir”, pp. 256-259; “Das leis suntuárias”, pp. 295-296; “Dos costumes antigos”, pp. 320-323).

MONTESQUIEU, Charles Louis de Secondat. **Do espírito das leis**; introd. e notas Gonzaga True; trad. Fernando Henrique Cardoso & Leôncio Martins Rodrigues. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os Pensadores).

NYSTROM, Paul H. **Economics of fashion**. New York: Ronald Press, 1928.

PROUST, Marcel. "La mode". In: ERNER, Guillaume (Org.). **Mode, où est ta victoire?** Paris: Éditions de L'Herne, 2013, pp. 187-189.

PURDY, Daniel Leonhard (Ed.). **The rise of fashion: a reader**. Minnesota: Minnesota University Press, 2004.

ROCHE, Daniel. **A cultura das aparências**: uma história da indumentária (séculos XVII-XVIII); Trad. Assef Kfoury. São Paulo: Senac, 2007.

ROCHE, Daniel. "Vestuário e aparência". In: **História das coisas banais**: nascimento do consumo nas sociedades do século XVII ao XIX; Trad. Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. pp. 256-291.

ROCHE, Daniel. "O vestuário popular". In: **O povo de Paris**: ensaio sobre a cultura popular no século XVIII; trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Edusp, 2004. pp. 221-263.

ROUSSEAU, Jean Jacques. **Discurso sobre as ciências e as artes**: discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martin Claret, 2010. (Coleção A Obra Prima de Cada Autor, 199).

SALLES, Vanessa Madrona Moreira. "Pensamentos sobre a moda e sua relação com a tradição a partir de noções benjaminianas". In: BONADIO, Maria Claudia; MATTOS, Maria de Fátima da S. Costa G. de (Orgs.). **História e cultura da moda**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011, pp. 280-293.

SANTAELLA, Lucia. **Corpo e comunicação**: sintoma da cultura. São Paulo: Paulus, 2004. (Destaque para "O corpo volátil na moda", pp. 115-131).

SANTIAGO, Lilian. **Texto para arguição na banca de qualificação da tese 'As roupas e o tempo: uma filosofia da moda', de Tarcisio D'Almeida**. Programa de Pós-graduação em Filosofia da FFLCH-USP, 24 de outubro de 2016. (Inédito).

SAPIR, Eward. "Fashion". **Encyclopaedia of the Social Sciences**, New York: [s.n.], v. VI, 1957, pp. 139-144.

SMYTH, John Vignaux. "Fashion theory". In: **The habit of lying**: sacrificial studies in literature, philosophy, and fashion theory. Durham & London: Duke University Press, 2002, pp. 155-181.

SOUZA, Gilda de Mello e. **O espírito das roupas**: a moda no século dezenove. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SPENCER, Herbert. “On manners and fashion”. **Westminster Review**, abr. 1854.

SPENCER, Herbert. **The principles of sociology, Vol. II**. New York: D. Appleton and Company, 1883. (Destaques para: “Badges and costumes”, pp. 174-192; “Fashion”, pp. 205-210).

SVENDSEN, Lars. **Moda**: uma filosofia. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

TOMÁS DE AQUINO. **Suma teológica; Vol. VII 2ª parte da 2ª parte**. Trad. Alexandre Corrêa; org. Róvlio Costa & Luis Alberto de Boni; introd. Martin Grabmann. 2. ed. Porto Alegre & Caxias do Sul: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes & Universidade Caxias do Sul, 1980. (Destaque para: “Questão 187, Artigo VI – Se é lícito aos religiosos trajar mais pobremente que os outros homens”, pp. 3436-3438).

VEBLEN, Thorstein. **A teoria da classe ociosa**: um estudo econômico das instituições; Trad. Olívia Krähenbühl. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Os pensadores). (Edição original em inglês: *The theory of the leisure class*, 1899).

VOLTAIRE. “Les anciens et les modernes, ou la toilette de Mme. de Pompadour”. In: **Œuvres complètes de Voltaire**. Éd. Louis Moland. Paris: Garnier, 1877-1885 [1765]. pp. 451-457. (Tome 25).

VOLTAIRE. “De la frivolité”. In: **Œuvres complètes de Voltaire**; Éd. Louis Moland. Paris: Garnier, 1877-1885 [1760], pp. 208-210. (Tome 19).

WILDE, Oscar; MALLARMÉ, Stéphane. **Noblesse de la robe**. Paris: Belles Lettres, 1997 [1919].

Autor especialmente convidado.
Artigo recebido no segundo semestre de 2022.